

FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA
NÚCLEO DE ESTUDOS REGIONAIS E URBANOS

1º Encontro de Economia Gaúcha
Porto Alegre, 16 e 17 de maio de 2002

Área temática: estudos urbanos

Diferenciações socioespaciais na Região Metropolitana de Porto Alegre – 1980–91. Análises preliminares.

Rosetta Mammarella

Porto Alegre, 30 de março de 2002.

Diferenciações socioespaciais na Região Metropolitana de Porto Alegre – 1980–91. Análises preliminares.¹

Rosetta Mammarella*

Apresentação

A compreensão da problemática social que afeta as grandes metrópoles passa pela identificação das novas formas de desigualdades sociais e suas repercussões no espaço geográfico das cidades, pela constatação do aumento da pobreza urbana e pelo desenrolar de crescentes processos de fragmentação das cidades e de segregação urbana. Cada vez mais é necessário compreender a dinâmica que perpassa o conjunto dessas transformações de caráter socioespaciais, levando em consideração que a dinâmica econômica, no contexto dos recentes fenômenos da globalização e da reestruturação produtiva, repercute na dinâmica sociodemográfica e na estrutura político-institucional, engendrando crises de governabilidade das cidades. As recentes discussões entre os teóricos do assunto colocam em pauta se nas metrópoles, no contexto da globalização, se estaria constituindo uma nova ordem espacial e quais suas características. Ao mesmo tempo, questiona-se se estariam sendo engendrados processos de dualização ou de fragmentação do espaço e se a estrutura social adquire, ou não, caráter bimodal (Ribeiro, 2000).

O debate dessa problemática recai sobre o que se convencionou chamar de tese da *global city*, que identifica o surgimento, no atual momento histórico, de um novo modelo de cidade, cujas características estão referidas aos processos de reestruturação produtiva e de globalização, este último assentado no binômio financeirização dos mercados e tecnologia de comunicações. O argumento central é de que esse novo modelo de cidade se contrapõe, tanto na sua estrutura econômica como na sua estrutura social e espacial, ao modelo vigente durante a hegemonia da industrialização fordista.

Do ponto de vista dos teóricos que se orientam pela tese da *global city*, as mudanças atuais, em especial na economia, levariam a uma substituição do modelo tradicional de sociedade e de cidade, que está fundada numa estrutura organizada em classes sociais. Nessa estrutura, ao lado do surgimento e da consolidação de duas classes

¹ Este texto é um subproduto da pesquisa “Desigualdades socioespaciais na RMPA: 1980-1991”, (financiado pelo Programa Pró-Guaíba e pela FAPERGS) ora em curso no NERU/FEE. Esse trabalho conta com uma equipe composta, além da autora, pela Socióloga Tanya Barcellos, pela Arquiteta Mirian Regina Koch, pela Socióloga Sheila Villanova Borba e pelo Economista José Antonio Fialho Alonso. Integra a pesquisa “Metrópole, Desigualdades Sócio-espaciais e Governança Urbana: Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte, Porto Alegre, Curitiba, e Recife”, coordenada pelo Observatório de Políticas Urbanas e Gestão Municipal (IPPUR/UFRJ – FASE), com o apoio do Programa Nacional de Cooperação Acadêmica – PROCAD. A autora agradece à Socióloga Tanya Barcellos e à Arquiteta Mirian Regina Koch pelos comentários que fizeram numa versão anterior do texto e por sua importante contribuição na análise da hierarquia socioespacial. As imprecisões remanescentes são de inteira responsabilidade da autora.

** Técnica da FEE, coordenadora do NERU.

hegemônicas (burguesia e operariado), teria lugar o estabelecimento de uma classe média ascendente, tendo em vista o próprio movimento do capital industrial. A conformação da estrutura social e espacial, nesse caso, vinha acompanhada por uma lógica cujas mediações eram dadas pelo confronto nas relações de classes, envolvendo a possibilidade de superação das contingências imediatas.

Nesse modelo de sociedade, o atual estágio da economia globalizada tenderia a levar a uma dualização da estrutura social, como consequência quase imediata da desindustrialização e dos processos de terciarização, e seria marcado por uma dualização do mercado de trabalho, com a existência de empregos altamente qualificados e bem remunerados contrapostos a ocupações de qualificação inferior e baixa remuneração. Ou seja, haveria uma tendência de enfraquecimento da presença histórica das classes médias na estrutura social e uma quase ausência de perspectivas de superação da posição dos trabalhadores nas ocupações de baixa qualificação. Adviria, como consequência, um modelo de organização socioespacial que evoca imagens da cidade partida, cidade da exclusão social, cidade dos enclaves fortificados, cidade do *apartheid social*, traduzindo o futuro das metrópoles com elevado grau de polarização social (Ribeiro, 2000).

A tese da *global city*, contudo, não é consensual. Alguns autores rejeitam a inexorabilidade da polarização social como resultado direto e imediato da reestruturação econômica, interpolando outras mediações. Caso exemplar é Preteceille² que contrapõe ao inquestionável processo de polarização que acompanha a globalização a idéia de que as atividades globalizadas constituem uma parte pequena no emprego urbano, não impedindo a expansão de algumas atividades médias durante os anos 80, como ocorreu com as categorias médias técnicas e qualificadas, que crescem em função das tecnologias informatizadas (Ribeiro, 2000).

Também no que diz respeito aos espaços das cidades que sofrem mais diretamente os impactos da globalização e da reestruturação produtiva, a dualização e a polarização não se constituem numa evidência irrefutável. Esses espaços “(...) *tornam-se, na verdade, globalmente mais homogêneos, quando os examinamos na escala macro, e simultaneamente mais fraturados, quando o fazemos em escala micro*” (Ribeiro, 2000, p.68). Assim sendo, diferentemente dos enfoques dualistas que reduzem a cidade à oposição núcleo-periferia, os estudos que vêm sendo realizados pelos críticos da *global city* apontam a existência de espaços fraturados, constituídos por pequenas e contrastantes

² Além de Preteceille, Marcuse, Castells, Storper e Putnam também mantêm posição crítica com relação às teses da *global city* (Barcellos, Mammarella, 2001).

diferenças, que perpassam todo o território da cidade.

Tendo em vista a diversidade de aspectos que podem ser enfocados e considerando o caráter recente das profundas mudanças em curso, é de fundamental importância identificar as mudanças que ocorreram na estrutura econômica nas últimas décadas, em especial em regiões dinâmicas e de forte concentração urbana, como é o caso das áreas metropolitanas, e, simultaneamente, empreender sólidas pesquisas empíricas, correlacionando o perfil da estrutura social a pequenas parcelas do território.

Essa é a direção que toma a pesquisa sobre a estrutura social e espacial da Região Metropolitana de Porto Alegre (RMPA) que visa detectar as mudanças ocorridas entre 1980 e 1991 e encontrar alguns elementos explicativos, que permitam estabelecer relações entre essas mudanças e as transformações recentes na estrutura econômica.

Feita a exposição sintética dos pressupostos teóricos que fundamentam a pesquisa, serão apresentados, na sequência, alguns resultados. Iniciamos pela rápida descrição das características da RMPA; a seguir, nos detemos na análise da estrutura socioocupacional metropolitana, construída a partir do sistema de classificação das ocupações utilizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), para os anos de 1980 e de 1991; uma última parte consiste na descrição da tipologia socioespacial da RMPA, para o ano de 1991, que, apesar de ainda se revestir de uma certa preliminaridade, permite perceber algumas características interessantes a partir da hipótese de que é possível estabelecer alguma correlação entre a organização social e a conformação do espaços.

1 – A Região Metropolitana de Porto Alegre

Tendo em vista as alterações que a Região Metropolitana de Porto Alegre (RMPA) vem sofrendo desde sua criação até o presente, o primeiro esclarecimento que deve ser feito é de qual região metropolitana estamos falando.

Situada no eixo de produção industrial do Rio Grande do Sul, que vai de Porto Alegre a Caxias do Sul, a RMPA foi oficialmente instituída em 1973 (Lei Complementar 14/73), reunindo um conjunto de 14 municípios.³ Atualmente, a RMPA agrupa 31 municípios, como fruto de desmembramentos internos e de incorporação de novas unidades territoriais. Sem nos determos nas implicações de ordem econômica, de gestão do

³ No RS, a instauração da RMPA antecede o instrumento legal. Em 1968, o Governo do Estado do Rio Grande do Sul nomeou uma comissão técnica (Grupo Executivo da Região Metropolitana – GERM) com o intuito de delimitar a Área Metropolitana de Porto Alegre. Como fruto desse trabalho, foi estruturado o Conselho Metropolitano de Municípios, que, orientando-se por um conjunto de critérios previamente estabelecidos, definiu os 14 municípios que, cinco anos mais tarde, passaram a formar, por força de lei, a Região Metropolitana de Porto Alegre: Porto Alegre, Canoas, Sapucaia do Sul, Esteio, Alvorada, Cachoeirinha, Gravataí, Viamão, Guaíba, São Leopoldo, Novo Hamburgo, Estância Velha, Campo Bom e Sapiranga.

território e de mudanças na capacidade de comando da rede urbana regional, esse tipo de modificação na estrutura territorial da principal aglomeração urbana gaúcha nos colocou frente a uma série de problemas de ordem metodológica, uma vez que o estudo e as análises que estamos realizando visam estabelecer comparações no tempo e no espaço, detectando as principais mudanças estruturais, tendo em vista os recentes processos econômicos que têm se instaurado nas grandes metrópoles.

Como o estudo compreende uma análise comparativa da estrutura social e socioespacial entre 1980 e 1991, definimos como recorte metropolitano a conformação territorial de 1991.⁴ Dos oito municípios que passaram a integrar o conjunto metropolitano em 1989 (Constituição Estadual), três são fruto de desmembramento interno (Eldorado do Sul, Glorinha e Nova Hartz) e cinco foram incorporados (Dois Irmãos, Ivoti, Parobé, Portão e Triunfo). Fora Triunfo, os demais fazem parte do “Vale do Calçado”.⁵

Situado num eixo industrial que se estende até a região de Caxias do Sul e sendo, ao mesmo tempo, circundado por um entorno de crescente expansão econômica e demográfica, o espaço metropolitano apresenta significativas diferenciações internas, não se constituindo num conjunto homogêneo e não se caracterizando como metrópole unipolar (Delimitação..., 1968). A RMPA apresenta nítidas distinções relacionadas à sua formação histórica⁶, à sua dinâmica estrutural, à distribuição geográfica assimétrica da atividade fabril que se encontra imersa em um “permanente” processo de rearranjo espacial, ao modo como se dá a expansão da continuidade urbana, e, finalmente, às suas funções, como a de centralidade (Delimitação..., 1968; Alonso, 2001). Essas distinções permitem delimitar duas grandes unidades: uma polarizada por São Leopoldo-Novo Hamburgo (RMPA 1) e, outra, por Porto Alegre (RMPA 2) (Delimitação..., 1968, p.25).

A RMPA que, no ano 2000, reunia 36% da população do RS, concentra as atividades industriais e de serviços do Estado, ao mesmo tempo em que, nos anos 90, apresenta indícios de mudanças na sua capacidade de concentração econômica e de

⁴ À exceção de Parobé, criado de parcelas do território de Taquara em maio de 1982 e incorporado à RMPA em 1989 por disposição constitucional, uma vez que não foi possível reconstituir os dados para 1980.

⁵ Tendo em vista as perspectivas de estender o estudo para o ano 2000, incorporando os resultados do último Censo Demográfico, a manutenção do ano de 1991 como base de estudos foi considerada adequada. Entre 1994 e 2000, a RMPA foi acrescida de outros oito municípios, sendo que dois são fruto de desmembramento interno (Nova Santa Rita e Araricá), o que permitirá, portanto, que o território seja reconstituído; os demais (Charqueadas, Montenegro, Taquara, São Jerônimo, Santo Antônio da Patrulha e Arroio dos Ratos) não serão computados na análise, uma vez que não se enquadram na idéia de metrópole como “área de concentração generalizada”, pois apresentam baixo grau de urbanização, não atendem aos critérios de continuidade dos espaços urbanizados, os setores urbanos da economia possuem pouca relevância e os fluxos de transportes de passageiros não definem grau de dependência entre os núcleos urbanos (Delimitação..., 1968, p.10).

⁶ Conforme Mertz (s/d), “(...) além de Porto Alegre, os municípios de São Leopoldo e Novo Hamburgo foram os que mais cedo mostraram um processo de diferenciação econômica e social: ao final da Primeira Guerra Mundial passaram

manutenção de seu nível de importância na economia estadual. Esse fato ocorre pelo efeito da crise que se instalou no País nos anos 80, que alternou períodos recessivos e períodos que indicavam recuperação do produto, pela carência de investimento novo, e pelo processo de interiorização da economia em direção à aglomeração urbana polarizada por Caxias do Sul e a municípios situados no entorno da RMPA (Alonso, 2001).

Em termos setoriais, destaca-se a perda de posição da indústria em favor do Setor Terciário, tendo como causas prováveis a reestruturação pela transferência de atividades industriais para o setor serviços e a modernização do comércio num processo de adaptação, como parte do ajuste estrutural, visando à maior competitividade (Alonso, 2001). Assim sendo, o perfil da economia metropolitana altera-se, terciarizando-se, com a Capital exercendo predomínio no comércio e com aumento das atividades do setor serviços, que se encontram disseminadas em praticamente todos os municípios metropolitanos.

A RMPA 1 distingue-se pela baixa diversificação dos ramos industriais predominando atividades ligadas ao circuito do calçado. Apesar de também serem intensivos em abrigar indústrias desse setor industrial, apenas os Municípios de São Leopoldo e Novo Hamburgo apresentam grande diversificação de gêneros industriais. Na RMPA 2, a situação é bem diferente. Em primeiro lugar, a capital do Estado, onde predominam as atividades ligadas ao Terciário, é circundada por municípios com características de dormitório (Alvorada e Viamão); nos demais municípios (Canoas, Gravataí, Esteio, Guaíba, Cachoeirinha e Sapucaia do Sul), é grande a diversificação de gêneros industriais (tais como minerais não metálicos, metalurgia, mecânica, material elétrico e de comunicações, papel e papelão, química e fertilizantes, madeira, mobiliário, material plástico, têxtil, produtos alimentares). Triunfo abriga o Pólo Petroquímico, um enclave que concentra grande parte da indústria química do Estado, sem estabelecer interdependência técnica com as atividades econômicas locais (Alonso, 2001).

2 – Estrutura socioocupacional da RMPA: 1980-91

A questão teórica metodológica central que sustenta a criação e a utilização das Categorias Socioocupacional (CATs), instrumento básico para a análise que empreendemos, se assenta na idéia de que o trabalho se constitui em categoria determinante para compreender a estruturação da sociedade (Mammarella, Barcellos, Koch, 2000). Empiricamente, informações sobre as profissões que as pessoas desempenham seriam as indicadas para oferecer uma maior aproximação dessa relação

a se dedicar mais intensamente ao comércio e às manufaturas e os povoados e aglomerados sociais que pertenciam a estes dois municípios, alteraram as condições de reprodução de seu modo de vida”

trabalho-estruturação da sociedade. Contudo, no Brasil, não temos estatísticas para esse dado. Embora não expressando diretamente um significado social, a variável que temos disponível e que potencialmente é indicadora das condições de vida e do lugar social que as pessoas ocupam na sociedade e que, ademais, permite uma análise comparativa no tempo (entre 1980 e 1991) e no espaço (diferentes metrópoles no Brasil) é a variável “ocupação”. Conforme mostra Ribeiro (2000, p.73), trabalhar com a variável ocupação

“(...) nos permitiria uma aproximação descritiva da estrutura de classe e o seu papel na estratificação sócio-espacial (...) a ocupação apresenta características de ‘variável síntese’ de múltiplos processos sociais, cujo conhecimento é fundamental na análise da estruturação da cidade, tais como, modelo de consumo, estilo de vida, etc.”

Levando em consideração a visão do espaço social enquanto espaço de posições sociais, torna-se possível identificar as posições relativas que os agentes e os grupos de agentes ocupam nesse espaço, através das informações sobre as ocupações que os indivíduos exercem na sociedade (Barcellos, Mammarella, 2001). A ocupação contém um conteúdo material e de representação social sendo indicativa das condições de vida e do lugar social que os indivíduos ocupam na sociedade, sendo capaz de permitir um quadro de representações para o reconhecimento de uma hierarquia social e de uma estrutura social (Mammarella, Barcellos, Koch, 2000a) Segundo Ribeiro e Lago (2000), a estrutura social pode ser *“(...) entendida como, simultaneamente, um espaço de posições sociais e um espaço de indivíduos ocupando esses postos e dotados de atributos sociais desigualmente distribuídos e ligados às suas histórias”*.

A construção das CATs para os anos de 1980 e 1991 envolveu a utilização de uma base empírica composta pelos microdados dos Censos Demográficos de 1980 e 1991. Foram utilizadas as informações relativas à **ocupação, posição na ocupação e setor de atividade**, que são tomadas como variáveis principais e filtradas, em alguns casos, pela **renda** e pelo **grau de instrução**.⁷ Sua utilização possibilita-nos produzir o estudo comparativo entre as metrópoles brasileiras, enfocando os impactos urbanos e metropolitanos da reestruturação. Apesar das limitações dos dados, seja em seu conteúdo de representação social, seja pelo fato de não retratarem com clareza e em toda a sua complexidade as mudanças ocorridas, nas últimas décadas, na estrutura produtiva e no mercado de trabalho, os dados foram agrupados e classificados segundo alguns princípios

⁷ A utilização dessas variáveis reproduz os procedimentos e os princípios adotados pelas pesquisas que integram o Observatório de Políticas Urbanas e Gestão Municipal, baseados no método utilizado pelos estudos sobre as tendências de aprofundamento das desigualdades sociais na França (OBSERVATÓRIO, 1996) em função das mudanças na estrutura

de divisão que retratam as principais oposições que estão na base de organização social da sociedade capitalista: capital e trabalho; grande *versus* pequeno capital; assalariamento e trabalho autônomo; trabalho manual *versus* não manual (Ribeiro, 2000). A aplicação desses critérios resultou em uma classificação que hierarquiza oito grandes agrupamentos, reunindo 25 CATs, conforme mostra o Quadro 1.⁸

Quadro 1
Estrutura sócio-ocupacional. Relação das Categorias.

1 - Elite Dirigente	5 - Proletariado Terciário
Empresários	Empregados do comércio
Dirigentes do setor público	Prestadores de serviços especializados
Dirigentes do setor privado	Prestadores de serviços não especializados
Profissionais Liberais	6 - Proletariado Secundário
2 - Elite Intelectual	Operários da indústria moderna
Profissionais de nível superior autônomos	Operários da indústria tradicional
Profissionais de nível superior empregado	Operários dos serviços auxiliares da economia
3 - Pequena Burguesia	Operários da construção civil
Pequenos empregadores urbanos	Artesãos
Comerciantes por conta própria	7 - Subproletariado
4 - Categorias Médias	Empregados domésticos
Empregados de escritório	Ambulantes
Empregados de supervisão	Biscateiros
Técnicos e artistas	8 - Agricultores
Empregados da Saúde e da Educação	Agricultores
Empregados da Segurança Pública, Justiça e Correios	

Fonte: Ribeiro, 2000, p.269.

A descrição que se segue, das principais características da estrutura socioocupacional da Região Metropolitana e das mudanças ocorridas entre 1980 e 1991, leva em consideração a RMPA, a RMPA 1, a RMPA 2 e Porto Alegre.

A análise da Tabela 1 aponta uma conformação que se caracteriza pela relativa estabilidade da estrutura social entre 1980 e 1991, com predomínio do Proletariado Secundário (30,98% no primeiro ano e 28,67% no segundo), forte presença das Categorias Médias⁹ (27,22% e 26,83%), relativa estabilidade do Proletariado Terciário (em torno dos 20% tanto num como no outro ano) e baixa representação dos extremos da pirâmide social: Elites e Subproletariado. Refletindo sobre o perfil dessa estrutura social, nos marcos tematizados pelos teóricos da *global city*, não se pode afirmar que a metrópole gaúcha retrate um quadro nítido de polarização social. Pelo contrário, a RMPA mantém as características de uma estrutura social que se forja no contexto do capitalismo industrial,

econômica, e foram desenvolvidos a partir dos trabalhos sobre as desigualdades intrametropolitana no Rio de Janeiro (Ribeiro, 2000).

⁸ A metodologia para a construção das categorias socioocupacionais, bem como a listagem onde estão definidas as ocupações que compõem as 25 categorias, pode ser encontrada em Ribeiro (2000, p.629). Os dados foram trabalhados no *software* SPSS.

⁹ O termo “Categorias Médias” faz referência a um conjunto de empregados que se situam em estratos médios das ocupações.

com presença intensa das categorias proletárias e médias. Apesar desse perfil predominante, algumas particularidades merecem destaque quando se trata das subespacialidades metropolitanas.

É na RMPA 1 que o Proletariado Secundário, mesmo com uma pequena queda na sua participação percentual na estrutura social, mantém uma presença quase maciça (cerca de 51% em 1980 e mais de 47% em 1991). Essa concentração de categorias proletárias e, dentro delas, dos operários da indústria tradicional deve-se ao grande número de indústrias do complexo que compõem o setor coureiro-calçadista, localizadas nos municípios do Vale do Sinos, polarizados por São Leopoldo e Novo Hamburgo.

Merece destaque a forte presença das Categorias Médias em Porto Alegre – também com ligeira perda de posição entre 1980 e 1991 –, que, pelo seu peso, marcam o perfil da estrutura social da RMPA 2. O Proletariado Secundário, em contrapartida, tem uma presença menor em Porto Alegre ao mesmo tempo em que aumenta a participação da Elite Intelectual e da Pequena Burguesia, em relação às demais espacialidades e em 1991 em comparação com 1980.

Uma terceira observação diz respeito à posição da Pequena Burguesia, uma vez que é a única categoria socioocupacional que registrou aumento significativo de participação na estrutura social em 1991 frente a 1980, tanto no conjunto metropolitano como nos demais recortes espaciais. Esse fato pode estar indicando que, nesse período, grande parte das perdas havidas em ocupações do Proletariado Secundário e das Categorias Médias – neste último caso com exceção da RMPA 1 – foram compensadas pelo surgimento de pequenos empregadores urbanos (com renda abaixo de 20 salários mínimos) e comerciantes por conta própria, que conformam as CATs da Pequena Burguesia. É viável trabalhar com essa hipótese se levarmos em conta que as ocupações que formam as CATs do Proletariado Secundário, parte do Proletariado Terciário e das Categorias Médias são de trabalhadores ligados ao mercado formal do trabalho e de funcionários públicos.

Deve-se ter em mente que, durante a década de 80, começaram a ocorrer processos simultâneos de transformações no País, com repercussões na RMPA. Nesses processos – tais como alterações tecnológicas nos processos de produção, ajuste econômico e reestruturação produtiva, mudanças na localização da produção industrial, modernização do setor público com conseqüente diminuição do tamanho e do papel do Estado –, criou-se um “excedente” de mão-de-obra formado por assalariados que perderam postos de trabalho no mercado formal e funcionários públicos, cujos contingentes sofreram significativa redução, tendo em vista as políticas de enxugamento da máquina pública. Como esses

trabalhadores tiveram que encontrar alternativas de inserção laboral, podemos ter, por essa via, uma das explicações que justifiquem o aumento relativo da Pequena Burguesia em todas as fatias do espaço metropolitano.

Um último comentário com relação à Tabela 1 diz respeito às CATs que estão situadas nos extremos da estrutura social: as Elites e o Subproletariado. A participação da Elite Dirigente – composta pelos empresários, pelos dirigentes dos setores público e privado e pelos profissionais liberais – na estrutura social mantém-se muito reduzida em todas as espacialidades que estão sendo analisadas, o que reflete a alta capacidade de concentração tanto dos detentores do capital econômico como do capital simbólico (do poder). A Elite Intelectual – formada pelos profissionais de nível superior autônomos e empregados – tem sua maior concentração, inclusive experimentando aumento, em Porto Alegre, o que é coerente, uma vez que é na Capital que se encontram as melhores oportunidades de ocupações que exigem formação de nível superior. Já no outro extremo da estrutura social, o conjunto que forma o Subproletariado, composto pelas empregadas domésticas, ambulantes e biscateiros, obteve uma leve redução de sua participação relativa na estrutura social apenas em Porto Alegre, mas aumentou de 3,76% para 6,06%, entre 1980 e 1991, na RMPA 1, justamente nos espaços onde predominam os operários da indústria tradicional. Como na década de 80 não ocorreram condições para que os trabalhadores que ocupam posição na escala inferior da hierarquia social tivessem melhoria nas suas condições de vida, essa diminuição do Subproletariado em Porto Alegre e o aumento na RMPA 1 pode estar refletindo, no primeiro caso, um processo de expulsão de segmentos empobrecidos da população da Capital em direção à periferia metropolitana e, no segundo caso, a vinda de migrantes com um perfil de baixo poder aquisitivo e que se localizaram no Vale do Sinos.

A análise acima não nos permite afirmar que a estrutura social metropolitana tenha sofrido significativas transformações entre 1980 e 1991. Apesar de terem as categorias proletárias e médias apresentado uma diminuição relativa entre um ano e outro, prevalece o “modelo” de uma sociedade em que predominam os segmentos ligados ao operariado industrial e às camadas médias. No entanto, quando a evolução da estrutura social é analisada pelo crivo das taxas de crescimento (Tabela 2), algumas evidências de mudanças já podem ser percebidas. As únicas categorias sociais que, na década, registraram um crescimento significativo, acima da média metropolitana, foram a Pequena Burguesia, que se encontra mais próxima do topo da pirâmide social (6,54% a.a.), e o Subproletariado, que constitui sua base (3,39% a.a.). Aliás, em todos os recortes espaciais que estamos

analisando, a Pequena Burguesia apresenta crescimento superior às médias.

O Subproletariado, por seu turno, só obteve um crescimento pouco significativo em Porto Alegre, ao contrário do que ocorreu na RMPA 1, onde essa categoria apresentou a maior taxa, tendo crescido quase o dobro da média (9,04% a.a.). É também na RMPA 1 que se observa outro sinal de mudanças, pois, nesse espaço, a presença dos Agricultores sofre uma significativa retração, com crescimento negativo de cerca de 2% a.a. e com o Proletariado Secundário crescendo menos que a sua média da sub-região (3,57% a.a.). Em Porto Alegre, a Elite Dirigente e o Proletariado Secundário apresentaram taxas negativas de crescimento, fato que pode estar associado ao processo de desindustrialização relativa que a Capital vem sofrendo desde o final dos anos 70 (Alonso, Bandeira, 1988).

3 –Hierarquia socioespacial da RMPA: 1991

Antes de apresentarmos os resultados da hierarquia socioespacial da RMPA, é preciso fazermos alguns esclarecimentos metodológicos. Incorporando a variável espaço¹⁰, a construção da tipologia socioespacial para a RMPA implicou a correlação das 25 CATs acima apresentadas com as 141 áreas em que o espaço metropolitano foi desagregado¹¹, empregando técnicas estatísticas de análise fatorial de correspondência múltipla e classificação hierárquica ascendente.¹²

Pelo emprego dessas técnicas, foi possível conhecer a distribuição das categorias nos espaços em relação à média encontrada para a RMPA, resultado que mostra o perfil social predominante nas áreas preestabelecidas, determinando tipos ocupacionais. Cria-se, assim, uma tipologia socioespacial.¹³

À semelhança do que ocorreu no Rio de Janeiro, e está sendo desenvolvido nas demais metrópoles integrantes do estudo,

“(...)o emprego dessa técnica permite identificar os princípios segundo os

¹⁰ Diferentemente da acepção sociológica acima tratada, a idéia de espaço, agora, é tratada enquanto categoria geográfica e, na análise dos resultados estatísticos, assume uma conotação lógica.

¹¹ A construção dessas áreas obedeceu aos seguintes critérios: distribuição da população ocupada (mínimo de 9.000 pessoas ocupadas por áreas); contigüidade e continuidade geográfica das áreas; unidade urbanística; correspondência dos limites das áreas com os bairros, as regiões administrativas e os municípios; tipologia preliminar por setores censitários. Das 141 áreas, 57 estão localizadas em Porto Alegre. Segue-se Canoas, com 13 áreas; Novo Hamburgo, com 10; São Leopoldo, com oito; Gravataí e Viamão, com sete áreas; Alvorada, com seis; Sapucaia do Sul, com cinco; Esteio, Cachoeirinha, Sapiranga e Guaíba, cada um com quatro áreas; Campo Bom, com três e Ivoti, com duas áreas. Os Municípios de Eldorado do Sul, Estância Velha, Glorinha, Nova Hartz, Portão, Dois Irmãos e Triunfo constituíram uma única área, tendo em vista o tamanho da população ocupada.

¹² O *software* utilizado foi o StatLab. Segundo Ribeiro (2000), a técnica adotada na pesquisa não é recente. Encontra referência nas análises de “áreas sociais” desenvolvidas nos Estados Unidos, no fim dos anos 40. Quanto à descrição das técnicas estatísticas de análise fatorial e de classificação ascendente, são remetidas, por Ribeiro (2000), a Sanders (1989) e a Fenelon (1981). Fachel (1982) demonstra a aplicação de técnicas semelhantes para a descrição da estrutura social urbana de Porto Alegre.

¹³ O trabalho ora em foco está pautado no tratamento de dados secundários por métodos estatísticos, embora seja o enfoque sociológico a orientar as análises. Portanto, os resultados encontrados estão pautados no bom senso sociológico e no rigor do método estatístico (tais como consistência dos dados e representatividade) (Thiollent, 1980).

quais o espaço social da metrópole [de Porto Alegre] se segmenta, testando a relação entre estrutura urbana e estrutura de classe (...) A identificação dos conteúdos sociais dos tipos encontrados está fundada na análise do perfil médio da composição socioocupacional de cada tipo, baseada no grau de homogeneização social, e no grau de concentração espacial, o que é sintetizado no índice de densidade relativa das categorias socioocupacionais em cada tipo” (Ribeiro, 2000, p.76).

Na etapa do trabalho em que nos encontramos, estamos em condições de realizar um diagnóstico do perfil socioespacial da RMPA em 1991, ainda que preliminar, tendo em vista que o estudo encontra-se em andamento. Assim mesmo é possível afirmar que os resultados das técnicas estatísticas a que foram submetidos os dados apontam para o fato de que a organização do espaço não é aleatória, sendo possível identificar a existência de uma estrutura e de uma hierarquia na organização do espaço geográfico.

O primeiro resultado da análise fatorial que correlaciona as categorias ocupacionais com o espaço resultou na identificação de 14 fatores que explicam a organização do espaço metropolitano em 1991, sendo que os três primeiros são responsáveis por 82,45% da variância total em relação ao perfil médio das áreas.

A análise fatorial indica a existência de uma estrutura hierárquica na RMPA, cujo principal pólo de oposição social gira em torno de dois conjuntos de categorias: os operários da indústria tradicional e os agricultores, de um lado, e os profissionais superiores empregados e os empregados de escritório, de outro.

Como segundo resultado, obtido pelo emprego da técnica de classificação hierárquica ascendente (CHA), as 141 áreas da RMPA foram agrupadas em nove grandes tipos, dispostos hierarquicamente. Numa primeira apreciação dos resultados essa tipologia recebeu a seguinte denominação: Superior, Médio Superior, Médio, Médio Inferior, Operário, Operário Inferior, Popular Operário, Popular e Agrícola. Na Tabela 3 encontramos uma síntese dessa tipologia, sendo possível observar a existência de uma coerência, em termos relativos, entre a proporção de áreas em cada tipo e a distribuição da população por tipo.

As áreas classificadas nos tipos Operário, Operário Inferior, Popular Operário e Popular reúnem 44% tanto da população como do total de áreas, sendo, portanto, o tipo mais freqüente na RMPA (Tabela 3). As áreas de tipo Médio e Médio Inferior agregam em torno de 38% da população ocupada e das 141 áreas em que a região foi dividida. Os espaços de tipo Médio Superior, tendo em vista o perfil que os define, em conjunto com os espaços superiores, representam em torno de 14%, tanto da população como das áreas.

Com características bem definidas, os espaços agrícolas constituem-se nos de menor proporção, em termos tanto de número de áreas como de população.

A descrição da tipologia foi realizada a partir da identificação dos conteúdos sociais de cada tipo, através da análise de três aspectos (Ribeiro, 2000): a contribuição relativa das CATs para a formação de cada um dos tipos, que indica medidas de homogeneização social (Tabela 4); a distribuição relativa das CATs pelos tipos, que revela a concentração espacial (Tabela 5) e o índice de densidade relativa das CATs nos tipos, índice este que sintetiza os outros dois indicadores (Tabela 6). A qualificação dos tipos de áreas foi feita tendo como referência a leitura interna desses indicadores, associada aos conhecimentos acumulados da realidade local. O Mapa 1 fornece a representação gráfica da distribuição dos nove tipos de áreas para o conjunto metropolitano, conforme será descrito a seguir.¹⁴

As áreas de tipo **Superior** são caracteristicamente os lugares das elites. As nove áreas definidas nesse tipo apresentam elevado nível de homogeneidade social. Cerca de 42% da Elite Dirigente e 28% da Elite Intelectual estavam concentradas nesses espaços, em 1991, apesar de representarem apenas 6% dos ocupados desse tipo. Dentro da Elite Dirigente, destacam-se os profissionais liberais e os dirigentes privados. Na composição social do espaço, ressalta a presença da Elite Intelectual. Ao analisarmos a densidade das categorias socioocupacionais nesse tipo, é evidente o predomínio do conjunto da Elite Dirigente, que está representado sete vezes acima da média dessa categoria na estrutura social metropolitana, medida que só é ultrapassada pela densidade dos Agricultores no tipo Agrícola. A Elite Intelectual também tem uma representação significativa, ou seja, quatro vezes superior à média. É mínima a presença das categorias sociais Proletárias e subalternas, apesar de, no seu conjunto, representarem 27% dos ocupados nesses espaços. Destas, a única que tem uma representação acima da média é a das empregadas domésticas, o que pode ser atribuído ao fato de haver coincidência entre o local de trabalho e o local de moradia dessa categoria social. As áreas de tipo Superior encontram-se localizadas apenas em Porto Alegre.

O perfil das áreas de tipo **Médio Superior** aproxima-se do encontrado para as áreas de tipo Superior, com relativa concentração da moradia das Elites Intelectual e Dirigente (26,6% e 22% respectivamente), porém com forte presença das categorias médias. É relevante a participação dos dirigentes públicos, que têm, nesses espaços, sua segunda maior presença. Esses espaços apresentam uma composição social com predomínio das Categorias Médias (42,6% das pessoas residem nesse tipo de área) e, em segundo lugar, de

ambas as Elites (com 18%). Quando analisamos o quadro das densidades, confirmamos a importância dessas elites (com representação de cerca de três vezes acima da média) e das Categorias Médias (em torno de duas vezes) na caracterização do tipo. À exceção de uma das áreas, situada em São Leopoldo, as demais estão em Porto Alegre.

Nos espaços de tipo **Médio** encontra-se a maior concentração de moradia das Categorias Médias, o que equivale a dizer que em torno de 29% dessas categorias socioocupacionais residem nesse tipo de espaço. Ao mesmo tempo, identificamos uma relativa presença de segmentos das elites, em especial da Elite Intelectual (os profissionais de nível superior empregados), e também do Proletariado Terciário. Inclusive, é nessas áreas que habitam 21,6% dessa categoria. É forte, também, a presença das Categorias Médias (39%) e do Proletariado Terciário (22,7%) nas áreas desse tipo. O que nos permitiu caracterizar esses espaços como tipicamente médios foi a medida da densidade, uma vez que todos os segmentos das Categorias Médias têm representação superior à média metropolitana. A grande maioria dessas áreas também se localiza na capital do Estado, e apenas três no Município de Canoas.

As áreas de tipo **Médio Inferior** são marcadas pela forte presença da Pequena Burguesia, do Proletariado Terciário e das Categorias Médias, ao mesmo tempo em que é significativa a concentração de moradia de segmentos do Proletariado Secundário (em especial dos operários da indústria moderna, que têm nesse espaço a maior concentração de sua moradia) e do Subproletariado. Porém, quando fazemos a leitura da composição social do espaço, percebemos que o maior peso é do Proletariado Secundário, que conforma cerca de 33% desse espaço. As medidas de densidade confirmam essa caracterização, à qual devemos agregar a pouca relevância das Elites. Essas áreas encontram-se localizadas predominantemente em Esteio, Canoas, Gravataí, Cachoeirinha e Guaíba. Também encontramos uma área em Alvorada e duas em Porto Alegre.

As áreas de tipo **Operário** constituem tipicamente os espaços dos operários da indústria tradicional. Embora, na média, o conjunto do Proletariado Secundário represente 28% das pessoas que moram nessas áreas, são os operários da indústria tradicional os responsáveis por essa proporção, já que, quando considerada apenas essa categoria, a cifra sobe para cerca de 57%. É também nesse tipo de espaço que a densidade dessa categoria atinge seu patamar mais elevado, cerca de quatro vezes acima da média. Devemos registrar, ainda, a relevância dos agricultores, tendo em vista que 20,4% da categoria está presente nesses espaços, embora representem 3% dos ocupados nesse tipo. A definição das

¹⁴ Mapa 1 elaborado pela Arquiteta Mirian Regina Koch, com auxílio do estagiário Diandro Cunha, em Mapinfo.

áreas desse tipo é absolutamente coerente com a realidade, uma vez que sua localização se restringe à parcela norte da RMPA, nos municípios onde predomina a produção coureiro-calçadista. Essas áreas constituem a totalidade dos Municípios de Nova Hartz, Estância Velha, Portão, Dois Irmãos, Sapiranga e Campo Bom e partes de Ivoti, São Leopoldo e Novo Hamburgo.

Um segundo conjunto de áreas também com perfil predominantemente operário foi denominado de “**Operário Inferior**”. Embora essas áreas sejam marcadas pela presença significativa do operariado da indústria moderna, que nelas reside na proporção de 19% e que apresenta uma densidade de mais de duas vezes superior à média, sua constituição revela algumas particularidades que nos permitem qualificá-las como ‘inferior’. Assim, de um lado, temos a presença marcante dos operários da indústria tradicional, e, de outro, as categorias dos biscateiros e da construção civil também estão bem situadas no indicador de densidade. A mesmo tempo, a baixa representatividade das categorias médias e superiores contribui para a caracterização desse tipo. Essas áreas concentram-se em Sapucaia do Sul, e em parte de São Leopoldo e Novo Hamburgo.

Diferentemente das áreas operárias acima caracterizadas, as de tipo **Popular Operário** têm relevo como moradia do conjunto do Proletariado Terciário (14%) e do Subproletariado (15,5%). Dentre os operários industriais, apenas os trabalhadores da construção civil e dos serviços auxiliares se destacam na configuração do tipo. O conjunto das categorias Proletárias e Subproletárias representam 66,5% dos ocupados no tipo. As densidades apontam nessa mesma direção, expondo, inclusive, a baixíssima representação das Elites. Essas áreas estão constituídas por parcelas da cidade de Porto Alegre, tradicionalmente habitadas por segmentos operários e populares, e parte por de Viamão e Alvorada, municípios-dormitório, contíguos à Capital.

Já os espaços de tipo **Popular** se caracterizam por concentrar a moradia das categorias Subproletárias (em torno de 20% da moradia delas está nesse tipo), que estão representadas nesse espaço em torno de duas vezes acima da média. As empregadas domésticas são as que mais contribuem para a formação do tipo Popular. Categorias do Proletariado Secundário e Terciário também têm importância, como é o caso, em especial, dos operários da construção civil e dos servidores não especializados. A presença dos Agricultores nessas áreas também deve ser mencionada. Esse tipo é constituído pelas “favelas” da cidade de Porto Alegre, por algumas outras áreas de Viamão e Alvorada, pelo Município de Eldorado do Sul e por parcelas de Cachoeirinha, Gravataí e Canoas.

Nas áreas de tipo **Agrícola**, nada menos que 44,7% dos ocupados em atividades desse ramo têm sua residência, o que equivale a dizer, com base no indicador de densidade, que essa categoria social está presente nessas áreas cerca de 14 vezes acima da média. Além dos Agricultores, apenas os biscateiros, as empregadas domésticas, os operários da indústria tradicional e da construção civil, que, juntos, contribuem com 33% para a formação do tipo, apresentam densidade acima da média nesses espaços. Sua localização concentra-se em Glorinha e Triunfo e em áreas de Viamão, Gravataí, Guaíba e Ivoti.

Levando em consideração a tipologia socioespacial acima descrita podemos observar que ela reflete algumas particularidades da RMPA, reafirmando a idéia de que a maior aglomeração urbana do Estado não se constitui num conjunto homogêneo nem unipolar, uma vez que os resultados encontrados são coerentes com a distribuição espacial do setor produtivo.

As áreas localizadas na RMPA 1, onde se concentram as indústrias ligadas ao setor coureiro-calçadista, apresentam características muito uniformes, configurando-se como espaços dos trabalhadores da indústria tradicional (tipo Operário). Uma ligeira diferenciação tipológica só foi encontrada nos dois municípios que exercem centralidade nessa sub-região, sendo que, apenas em São Leopoldo, uma área foi classificada como de tipo Médio Superior; em Novo Hamburgo, a melhor posição na hierarquia foi no tipo Médio Inferior (uma área). A predominância de um operariado ligado à indústria calçadista nessa sub-região está referida a um processo histórico que, no curso dos anos 80,

*“(...) apresentava insuspeitado dinamismo...[as fábricas] passaram a flexibilizar os processos produtivos (polivalência) e a descentralizar suas unidades produtivas para zonas **periurbanas**, situadas nas regiões da Encosta da Serra, Vale do Cai e do Taquari e a privilegiar o assalariamento dos filhos de colonos residentes em áreas próximas às empresas”*,

e que são denominados “**colonos-operários**” (Schneider, 1996, p.308).¹⁵ Esse processo levou à rápida difusão dos **ateliers de calçados** (idem, p.309), que se constituem em forma de trabalho informal a domicílio, realizado como atividade extra-agrícola dos pequenos agricultores da região, ocupando, conforme Costa (1995), especialmente a mão-de-obra feminina.

Caudatária de uma dinâmica econômica mais heterogênea, a RMPA 2 concentra tanto trabalhadores vinculados às Categorias Médias como ao Proletariado Secundário e ao

¹⁵ “A indústria de calçados do Rio Grande do Sul é genuinamente competitiva, posto que suas capacitações estão fundadas nos determinantes estruturais da competitividade: mercado; configuração; infra-estrutura tecnológica e de recursos humanos; e na capacitação produtiva interna das suas empresas, embora tenha carências a serem superadas”

Proletariado e, em menor escala, mas com maior participação frente às demais espacialidades, às Elites. Certamente, a presença da Capital na RMPA 2 interfere na formatação desse perfil. Mas é enquanto espaço das elites que Porto Alegre de fato se afirma no contexto metropolitano, sendo que, em seu entorno imediato, predominam espaços de tipo Popular Operário e Popular bem demarcados, especialmente nos municípios-dormitório. O fato é que dinâmica social da Capital só pode ser compreendida quando analisada com seu entorno imediato (especialmente Alvorada e Viamão).

Uma última observação diz respeito à presença de áreas essencialmente agrícolas nas duas sub-regiões da metrópole, característica que encontra referência na história da formação da RMPA. Segundo Mertz (s/d), atualmente, na atividade agrícola da RMPA encontramos a coexistência de uma “(...) *diversidade de tarefas – agrícolas e não agrícolas – desenvolvidas por membros de uma mesma unidade familiar de produção*”, podendo-se definir, atualmente, cinco tipos de exploração agrícola: para consumo doméstico, de colonos tradicionais, modernizada sem pluriatividade, modernizada com pluriatividade e para lazer.

BIBLIOGRAFIA

- ALONSO, José Antonio Fialho. Caracterização econômica da RMPA nos anos 90. Indicadores Econômicos FEE, Porto Alegre, vol. 29, nº 1, 2001, p.253-291.
- ALONSO, José Antonio Fialho; BANDEIRA, Pedro Silveira. A “Desindustrialização” de Porto Alegre: causas e perspectivas. Ensaio FEE, Porto Alegre, vol. 17, ano 9, nº 1, 1988, p.03-28.
- BARCELLOS, Tanya; MAMMARELLA, Rosetta. Questões teóricas e metodológicas na pesquisa recente sobre as grandes cidades: notas para reflexão. Ensaio FEE, Porto Alegre, 2001, vol. 22, nº 2, p.248-269.
- COSTA, Beatriz Morem da (1995). Os impactos do progresso técnico sobre o emprego, a qualificação e as relações de trabalho. Estudo de caso na indústria de calçados do RGS. Porto Alegre, 1995 (Dissertação de Mestrado em Sociologia)
- DELIMITAÇÃO da área metropolitana de Porto Alegre. Porto Alegre, GERM/Conselho Metropolitano de Municípios, 1968.
- FACHEL, Jandyra Maria Guimelhães. Análise Multivariada da Estrutura Social Urbana do Município de Porto Alegre. In: 1º ENCONTRO DE DOCENTES DE

(Indústria, [1998?]). O ajuste modernizante com flexibilidade funcional por que passaram as indústrias do calçado, enquadrando-as no contexto da reestruturação produtiva, também é destacado por Costa (1995).

- ESTATÍSTICA DA REGIÃO SUL, 1982, Porto Alegre. Atas. 1982. v.1. p.78-97.
- INDÚSTRIA. Porto Alegre ; FEE ; SCP, [1998?]. (Projeto RS 2010)
- MAMMARELLA, Rosetta. Economia e Ocupação no espaço metropolitano: transformações recentes de Porto Alegre. In: RIBEIRO, Luiz Cesar de Q. (org.) O Futuro das Metrôpoles: Desigualdades e governabilidade, Rio de Janeiro, Revan, 2000, p.151-176.
- MAMMARELLA, Rosetta; BARCELLOS, Tanya; KOCH, Mirian Regina. Mudanças sócio-espaciais e estrutura social da RMPA: anos 80-90. XXIII Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Ciências Sociais - ANPOCS, Petrópolis, RJ, 23 a 27 de outubro 2000. (Site ANPOCS)
- MAMMARELLA, Rosetta; BARCELLOS, Tanya; KOCH, Mirian Regina. Mudanças sócio-espaciais e estrutura social da RMPA nos anos 80. Indicadores Econômicos FEE, Porto Alegre, 2000a, v.28, nº 3, p.94-112.
- MERTZ, Marli Marlene (s/d). Breve retrospectiva histórica da agricultura na Região Metropolitana de Porto Alegre (mimeo).
- OBSERVATÓRIO de Políticas Urbanas e Gestão Municipal: impactos metropolitanos da estabilização e do ajuste. (1996). Rio de Janeiro: IPPUR/UFRJ/FASE. (Projeto: Plano de ação para a área social FNDCT/FINEP/BID/880/OC-BR; Chamada 05, Acompanhamento de macropolíticas e modernização).
- RIBEIRO, Luiz Cesar de Q. (org.). O Futuro das Metrôpoles: Desigualdades e governabilidade, Rio de Janeiro, Revan, 2000.
- RIBEIRO, Luiz Cesar de Queiroz, LAGO, Luciana Corrêa do. O Espaço Social das Grande Metrôpoles Brasileiras: Rio de Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte. Workshop de avaliação do Projeto FINEP/PRONEX “Metrôpoles, Desigualdades Sócio-Espaciais e Governança Urbana: Rio de Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte”. Rio de Janeiro, 22 e 23 de março de 2000. (mimeo)
- SCHNEIDER, Sérgio. Os colonos da indústria calçadista: expansão industrial e as transformações da agricultura familiar no Rio Grande do Sul. Ensaio FEE. Porto Alegre, 1996, 17 (1) n.33, p.298-322.
- THIOLLENT, Michel J.M. Crítica metodológica, investigação social e enquete operária. São Paulo, Polis, 1980.

Tabela 1

Estrutura socioocupacional em grandes grupos de CATs, na Região Metropolitana de Porto Alegre e em recortes espaciais - 1980-91.

CATs	RMPA		RMPA 1		RMPA 2		PORTO ALEGRE	
	1980	1991	1980	1991	1980	1991	1980	1991
Agricultores	2,55	1,86	5,17	2,6	2	1,65	0,69	0,69
Elite Dirigente	1,11	0,9	0,62	0,56	1,21	1	1,85	1,61
Elite Intelectual	5,4	5,08	2,18	1,91	6,07	5,95	8,84	9,64
Pequena Burguesia	4,42	6,85	4,59	6,38	4,39	6,98	4,68	7,57
Categorias Médias	27,22	26,83	18,13	20,05	29,12	28,69	35,26	34,16
Proletariado Terciário	20,25	20,8	13,82	15,07	21,6	22,37	21,42	21,62
Proletariado Secundo	30,98	28,67	51,72	47,35	26,63	23,55	17,53	15,58
Subproletariado	8,08	9,00	3,76	6,06	8,98	9,81	9,74	9,14
Total	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00

Fonte: IBGE, 1980 e 1991

Tabela 2

Taxas geométricas de crescimento da estrutura socioocupacional e da Região Metropolitana de Porto Alegre e de recortes espaciais - 1980-91

CATs	RMPA	RMPA 1	RMPA 2	PORTO ALEGRE
Agricultores	-0,53	-1,93	0,16	0,92
Elite Dirigente	0,51	3,58	0,12	-0,39
Elite Intelectual	1,82	3,17	1,71	1,69
Pequena Burguesia	6,54	7,59	6,29	5,41
Categorias Médias	2,24	5,37	1,76	0,6
Proletariado Terciário	2,63	5,24	2,22	0,98
Proletariado Secundário	1,66	3,57	0,76	-0,19
Sub proletariado	3,39	9,04	2,71	0,31
Total	2,38	4,41	1,9	0,89

Fonte: IBGE, 1980 e 1991

Tabela 3

Aspectos demográficos da tipologia socioespacial nas 141 áreas da Região Metropolitana de Porto Alegre - 1991.

TIPOS	ÁREAS	% DAS ÁREAS	POPULAÇÃO OCUPADA	% DA POPULAÇÃO
Superior	9	6,40	7162	5,90
Médio Superior	10	7,10	10081	8,30
Médio	27	19,10	23908	19,70
Médio Inferior	26	18,40	22907	18,80
Operário	21	14,90	17845	14,70
Operário Inferior	12	8,50	10026	8,20
Popular Operário	14	9,90	12676	10,40
Popular	16	11,30	12923	10,60
Agrícola	6	4,30	4004	3,30
TOTAL	141	100,00	121532	100,00

Fonte: IBGE, 1991

Tabela 4
Composição percentual dos tipos por categorias socioocupacionais, na Região Metropolitana de Porto Alegre - 1991

CATEGORIAS SOCIOOCUPACIONAIS	AGRÍCOLA	OPERÁRIO	MÉDIO INFERIOR	OPERÁRIO INFERIOR	MÉDIO	MÉDIO SUPERIOR	POPULAR OPERÁRIO	POPULAR	SUPERIOR	TOTAL
Agricultores	29,8	3,0	0,6	0,8	0,5	0,4	1,2	2,9	0,6	2,2
Elite Dirigente	0,2	0,2	0,4	0,5	0,8	2,4	0,2	0,1	6,3	0,9
Elite Intelectual	0,4	0,8	1,9	2,0	6,8	15,8	1,8	0,7	23,1	4,9
Pequena Burguesia	4,0	5,7	7,3	6,0	8,1	9,0	5,8	4,5	9,8	6,8
Categorias Médias	11,0	16,3	25,2	23,0	39,0	42,6	24,7	13,1	32,7	26,5
Proletariado Terciário	13,0	13,4	23,5	19,5	22,7	16,3	28,0	25,5	13,9	20,7
Proletariado Secundário	28,1	55,1	32,5	40,2	15,5	7,9	24,9	36,3	4,9	28,9
Subproletariado	13,5	5,4	8,7	8,0	6,7	5,6	13,5	17,0	8,7	9,0
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

FONTE: IBGE, 1991.

Tabela 5
Distribuição percentual das categorias socioocupacionais, por tipos, na Região Metropolitana de Porto Alegre - 1991

CATEGORIAS SOCIOOCUPACIONAIS	AGRÍCOLA	OPERÁRIO	MÉDIO INFERIOR	OPERÁRIO INFERIOR	MÉDIO	MÉDIO SUPERIOR	POPULAR OPERÁRIO	POPULAR	SUPERIOR	TOTAL
Agricultores	44,7	20,4	5,3	2,8	4,2	1,4	5,5	13,9	1,7	100,0
Elite Dirigente	0,7	3,0	7,7	4,7	17,2	22,0	1,8	1,1	41,6	100,0
Elite Intelectual	0,3	2,5	7,3	3,4	27,1	26,6	3,9	1,4	27,6	100,0
Pequena Burguesia	1,9	12,3	20,0	7,3	23,2	11,0	8,8	7,0	8,4	100,0
Categorias Médias	1,4	9,0	17,9	7,2	28,9	13,3	9,7	5,3	7,3	100,0
Proletariado Terciário	2,1	9,5	21,4	7,8	21,6	6,5	14,1	13,1	4,0	100,0
Proletariado Secundário	3,2	28,0	21,2	11,5	10,5	2,3	9,0	13,4	1,0	100,0
Subproletariado	4,9	8,8	18,2	7,3	14,6	5,1	15,5	19,9	5,6	100,0
TOTAL	3,3	14,7	18,8	8,2	19,7	8,3	10,4	10,6	5,9	100,0

FONTE: IBGE, 1991.

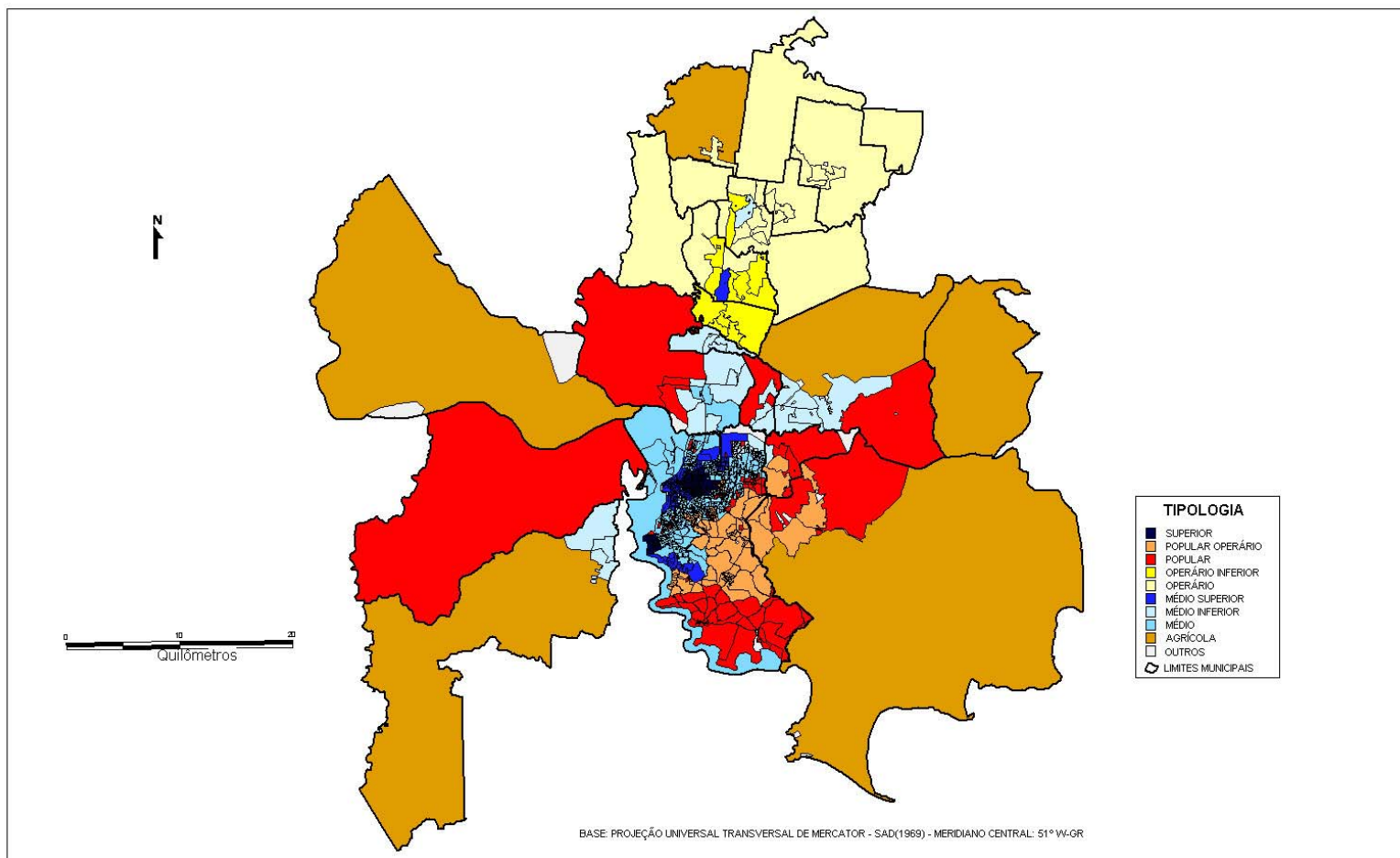
Tabela 6
Índice de densidade relativa das CATs, segundo os tipos, na Região Metropolitana de Porto Alegre - 1991

CATEGORIAS SOCIOOCUPACIONAIS	AGRÍCOLA	OPERÁRIO	MÉDIO INFERIOR	OPERÁRIO INFERIOR	MÉDIO	MÉDIO SUPERIOR	POPULAR OPERÁRIO	POPULAR	SUPERIOR	TOTAL
Agricultores	13,6	1,4	0,3	0,3	0,2	0,2	0,5	1,3	0,3	1,0
Elite Dirigente	0,2	0,2	0,4	0,6	0,9	2,7	0,2	0,1	7,1	1,0
Elite Intelectual	0,1	0,2	0,4	0,4	1,4	3,2	0,4	0,1	4,7	1,0
Pequena Burguesia	0,6	0,8	1,1	0,9	1,2	1,3	0,8	0,7	1,4	1,0
Categorias Médias	0,4	0,6	1,0	0,9	1,5	1,6	0,9	0,5	1,2	1,0
Proletariado Terciário	0,6	0,6	1,1	0,9	1,1	0,8	1,4	1,2	0,7	1,0
Proletariado Secundário	1,0	1,9	1,1	1,4	0,5	0,3	0,9	1,3	0,2	1,0
Subproletariado	1,5	0,6	1,0	0,9	0,7	0,6	1,5	1,9	1,0	1,0
TOTAL	1,0	1,0	1,0	1,0	1,0	1,0	1,0	1,0	1,0	1,0

FONTE: IBGE, 1991.

Tipologia Socioespacial (1991)

Região Metropolitana de Porto Alegre



Tipologia Socioespacial (1991)

Região Metropolitana de Porto Alegre

